

Dificuldades relatadas por estudantes de Medicina durante período pandêmico: estudo em uma universidade da região norte do Brasil

**Difficulties reported by Medicine students during pandemic period: a Study at a university in the
northern region of Brazil**

**Dificultades relacionadas por estudantes de Medicina en período de pandemia: Estudio en una
universidad de la región norte de Brasil**

Recebido: 19/07/2022 | Revisado: 30/07/2022 | Aceito: 02/08/2022 | Publicado: 11/08/2022

Renata Gonçalves Silva Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4029-1450>
Centro Universitário São Lucas, Brasil
E-mail: renatagon13@gmail.com

Rebecca Shaiane Soares Nunes Rivoredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0827-7616>
Centro Universitário São Lucas, Brasil
E-mail: rebecca_casara@hotmail.com

Raimundo Benício de Vasconcelos Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8131-0881>
Centro Universitário São Lucas, Brasil
E-mail: beniciovasconcelos@gmail.com

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1047-3499>
Centro Universitário São Lucas, Brasil
E-mail: profrafaelsocio@gmail.com

Arlindo Gonzaga Branco Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4821-8677>
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
Fundação Osvaldo Cruz, Brasil
Rede BIONORTE, Brasil
E-mail: Gonzaga.arlindo@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar as dificuldades relatadas por discentes de um curso de Medicina durante o período pandêmico. O lócus de pesquisa foi uma instituição de ensino superior da Região Norte do Brasil e o curso de bacharelado em Medicina, envolvendo 160 respondentes. Os procedimentos metodológicos utilizados foram, para levantamento de informações a aplicação de questionário e para análise de dados a análise de conteúdo, com levantamento das respostas, categorização e análise por categorias, foram destacadas seis categorias com predominância de respostas associadas aos temas estudo/tempo e sofrimento psicológico. Conclui-se que os estudantes apresentam diversos tipos de dificuldades e receios durante a pandemia, com predominância aqueles associados ao medo decorrente da pandemia e de não ter os processos de ensino e aprendizado garantidos por elementos internos e externos à Instituição de Ensino Superior que estão vinculados.

Palavras-chave: Pandemias; Ensino; Aprendizagem.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the difficulties reported by students of a medical course during the pandemic period. The locus of research was a higher education institution in the North of Brazil and the bachelor's degree in Medicine, involving 160 respondents. The methodological procedures used were, for the collection of information, the application of a questionnaire and for the analysis of data, the content analysis, with a survey of responses, categorization and analysis by categories, six categories were highlighted with a predominance of responses associated with the themes study/time and psychological suffering. It is concluded that students have different types of difficulties and fears during the pandemic, with a predominance of those associated with the fear resulting from the pandemic and not having the teaching and learning processes guaranteed by elements internal and external to the Higher Education Institution that are linked.

Keywords: Pandemics; Teaching; Learning.

Resumen

El objetivo del presente artículo es analizar las dificultades relacionadas por discentes de un curso de Medicina durante el período pandémico. O lócus de pesquisa foi uma instituição de ensino superior da Região Norte do Brasil e o curso de bacharelado em Medicina, envolvendo 160 encuestados. Os procedimentos metodológicos utilizados foram, para levantamento de información a aplicação de questionário e para análise de dados a análise de conteúdo, com levantamento das respostas, categorização e análise por categorias, foram destacadas seis categorias com predominância de respostas associadas aos temas estudo/tempo e sofrimento psicológico. Conclui-se que os estudantes apresentam diversos tipos de dificuldades e receios durante uma pandemia, com predominância aqueles associados ao medo decorrente da pandemia e de não ter os processos de ensino e aprendizado garantidos by elementos internos e externos à Instituição de Ensino Superior que estão vinculados.

Palabras clave: Pandemias; Ensino; Aprendizagem.

1. Introdução

No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia declarado que o surto da COVID-19 e em 11 de março de 2020, a OMS passou a considerá-la uma pandemia (OPAS/OMS, 2020). Em 16 de março de 2020 no estado de Rondônia, foi decretado situação de emergência no âmbito de saúde pública em razão da pandemia do novo coronavírus e por consequência mudanças foram adotadas tanto nas questões sociais quanto educacionais, com a vinda do isolamento restritivo (Rondônia, 2020).

E em decorrência ao mesmo fato, o Ministério da Educação, através da Portaria de número 345, de 19 de março de 2020 (Brasil, 2020), permitiu a substituição das aulas presenciais por aulas que se utilizem de meios de comunicação, tecnologia e informação (Brasil, 2020) o que foi comumente chamado de “modelo remoto”, um elemento entre o presencial e o ead, ainda que não seja considerado o modelo híbrido.

Todo esse cenário acarretou em dificuldades para os estudantes em geral, assim como para os discentes de Medicina da Instituição de Ensino Superior lócus da pesquisa em enfrentar as alterações sociais e educacionais que ocorreram, e ainda ocorrem, decorrente as medidas restritivas impostas em decorrência ao COVID 19.

Baseado no supracitado, este estudo pretende analisar a fala de estudantes de medicina acerca das suas dificuldades vivenciadas durante o período pandêmico, utilizando-se de questionário eletrônico para levantar e organizar as respostas subjetivas dos discentes. Foram levantadas cento e sessenta respostas de estudantes de medicina de uma IES privada da região Norte. Os materiais, métodos e procedimentos serão analisados na seção a seguir.

Concluimos que as categorias tempo/estudo e sofrimento psicológico foram as mais presentes nas respostas elencadas, apresentando uma perspectiva sobre as dificuldades de aprendizado e ao mesmo tempo a visão sobre viver uma pandemia e os medos decorrentes de tal cenário. O trabalho objetiva somar uma perspectiva sobre o cenário da educação durante a pandemia da Covid-19 na Amazônia brasileira em 2021.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo. Com relação ao procedimento de coleta de dados, foi realizado através de um questionário via formulário do Google Forms realizado com 160 alunos do curso de Medicina de uma instituição privada da cidade de Porto Velho, Rondônia.

O questionário foi disponibilizado aos alunos devidamente matriculados no primeiro semestre de 2021, via aplicativo de mensagens (WhatsApp®) e ficou disponível por dezoito dias. A pergunta “Qual sua maior dificuldade durante a pandemia?” não continha quantidade de linhas limites para resposta podendo o entrevistado enviar via escrito ou imagem.

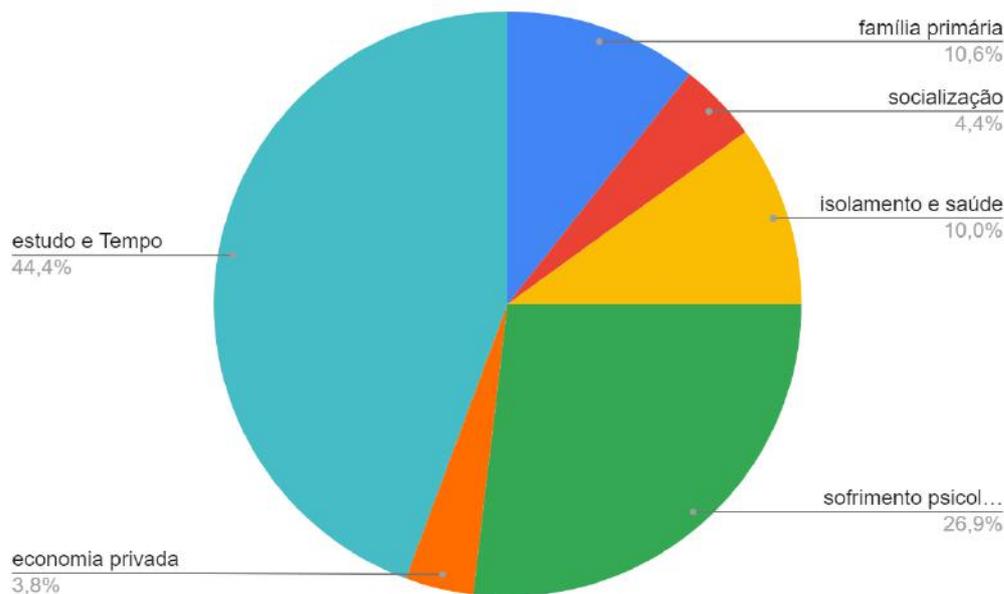
Os alunos que submeteram suas respostas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtualmente no início do questionário. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário São Lucas sob CAAE 43369121.90000.0013, Número do Parecer 4.581.740 do dia 09 de março de 2021. Os respondentes foram

enumerados do um ao 160 e mesmo com a questão da autorização de ética em pesquisa, terão seus nomes preservados.

Para a análise de dados foi feito uso da Análise de conteúdo (Bardin, 2016). Tal metodologia auxiliou na organização do extenso corpus de respostas. O primeiro passo foi a criação de categorias de análise, sendo as classificadas como Sim, as neutras e as classificadas como Não. Após a definição das categorias, as respostas foram organizadas e analisadas, aplicando os critérios de exaustividade e repetição, onde foram retiradas as respostas que se repetiam demasiadamente ou possuíam poucas palavras e exprimiam o mesmo sentido. Após, foi realizada a análise do dito pelo dito em relação ao cenário social em que estão inseridos os respondentes (Bardin, 2016).

A organização das falas em blocos temáticos (categorias de análise), com vistas a facilitar a função analítica dos mesmos. Essa organização significa acessar o conteúdo das respostas e estabelecer critérios para separação, no caso específico deste trabalho foram organizados em quadros que serão expostos na seção a seguir. Do total de 160 respostas, foram construídas seis categorias, com a seguinte dispersão: família primária (17 respostas), socialização (7 respostas), isolamento e saúde (16 respostas), sofrimento psicológico (43 respostas), economia privada (06 respostas) e estudo e tempo (71 respostas). O Gráfico 1, a seguir, sintetiza e torna virtual a dispersão de resposta onde observa-se que o sofrimento psicológico e estudo e tempo são as categorias que mais obtiveram respostas quando relaram impactos.

Gráfico 1: Respostas por categoria em percentual, 2022.



Fonte: Autores (2022).

A terceira etapa pretende realizar a análise de conteúdo dos quadros organizados, procurando intersecções e circunstâncias que permitam agrupamento, negações e confrontos de apontamentos sobre o objeto, possibilitando compreender o processo de movimento do mesmo (Cellard, 2008; Bardin, 1977).

3. Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa, 160 alunos do curso de graduação em medicina e após realizada a análise das respostas observou-se 5 categorias de respostas. O grande número de respostas foram categorizados nas categorias por aproximação temática e compõem o rol de restrições/reclamações que são levantadas pelos discentes pesquisados.

3.1 Isolamento/ Família

Nesta categoria é evidenciado o impacto das alterações nas rotinas familiares em decorrência da pandemia da COVID-19 e as dificuldades que advém dessas mudanças. O atual contexto de isolamento social contribui para o aumento de conflitos domésticos, bem como o surgimento de preocupações que não existiam antes da pandemia, principalmente associadas ao medo de contágio.

Dentro deste contexto, o estudo realizado por Barros et al. (2020), aponta que ocorreu uma crescente dos índices de ansiedade e depressão na população adulta brasileira, o sentimento de tristeza/depressão atingiu 40% dos analisados, e a frequente sensação de ansiedade e nervosismo foi descrita por mais de 50% deste, mais de 40% dos analisados afirmaram que não tinham problema de sono e passaram a ter e quase 50% dos que já tinham relataram o agravo do problema.

Os discentes pesquisados demonstram preocupações semelhantes ao do estudo previamente analisado (Barros et al., 2020) e apesar de nossa estrutura de levantamento de dados não permitir inferir sobre os casos de ansiedade/depressão ou outras questões de origem sociopsicológicas, nos permite apontar que a reincidência de tal elemento demonstra sua presença nos indivíduos e no grupo social.

As medidas de isolamento social a fim de desacelerar a disseminação do vírus que foram adotadas pela sociedade (ao menos de forma simbólica) forçaram a resignificação das relações familiares, seja devido à aproximação ou afastamento de membros de uma família. As dificuldades indicadas pelos participantes que se enquadram na categoria Isolamento/ Família foram divididas em três subcategorias a fim de melhor classificá-las, são elas: família primária, socialização e isolamento e saúde física/mental.

3.1.1 Família Primária

O núcleo familiar é a primeira forma de organização social imposta a um indivíduo, além de representar os mais significativos elos afetivos, é composta por pessoas com vínculos sanguíneos, matrimoniais, parentais ou afetivos. Para De Antoni (2005), é possível definir família como um conjunto de relações caracterizadas por influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros.

Um estudo realizado por Dessen e Ramos (2010), a fim de definir o conceito de família e a sua função a partir do ponto de vista de 33 crianças de três a cinco anos de idade, identificou que as crianças, majoritariamente, definiram família de acordo com a composição de suas próprias famílias.

Destacaram as relações biológicas entre os membros, incluindo, na maior parte dos relatos, membros como tios, primos e avós. Além das relações de parentesco, acrescentaram pessoas sem relações biológicas e animais de estimação, ao mesmo passo que família tem se tornado, na contemporaneidade, como elementos mais fortes que apenas os laços biológicos. A visão sociológica apresenta um conceito mais prático para definir família, como:

Um grupo que apresenta organizações estruturadas para preencher as contingências básicas da vida biológica e social. Trata-se de uma unidade social básica, ou seja, o grupamento humano mais simples que existe, por isso a família é a instituição básica da sociedade (Durkheim, 2007, p. 22).

Do que foi apontado pelos respondentes da pesquisa sobre este grupo social primário é possível destacar algumas questões centrais, que destacamos inicialmente:

“Ficar sem ir na casa dos meus pais” (Respondente 108)

“Não abraçar minha família” (Respondente 118)

As respostas acima refletem a realidade de indivíduos que tiveram que se distanciar do seu núcleo familiar primário em decorrência do isolamento e não apenas de nossos respondentes, mas de uma parte considerável da sociedade que respeitou as regras de isolamento social. Oliveira (2020) afirma que as imposições de restrições em decorrência do estado de pandemia, principalmente as de contato com o demais, propiciam o desenvolvimento de desgastes emocionais e preocupações exacerbadas.

Um estudo realizado por Bu (2020) explorou quem estava em maior risco de solidão durante o período de isolamento social no Reino Unido devido à pandemia COVID-19 e concluiu que jovens adultos, pessoas que vivem sozinhas, pessoas com baixa escolaridade ou renda, economicamente inativos, mulheres, grupos étnicos minoritários e indivíduos em situação de rua correm maior risco de se sentirem solitários durante a pandemia, além disso, ser estudante representa um fator de risco mais alto durante a pandemia do que o normal, de acordo com o estudo.

“Foi perder meu pai para a COVID” (Respondente 17)

Durante o período de isolamento social as dificuldades relacionadas ao medo de perder uma família, bem como a necessidade de incorporar os cuidados com os parentes que contraíram a doença à rotina de home office e demais obrigações são relatos frequentes entre os entrevistados e no caso do respondente acima e de muitos brasileiros tal realidade se concretizou na morte

O estresse psicológico relacionado a uma crise econômica, ameaça de desemprego ou medo de perder membros da família são fatores desencadeantes para a manifestação de ansiedade e depressão, uma pesquisa realizada na Polônia por BARTOSZEK et al. (2020), indicou que as mulheres analisadas apresentaram escores médios mais altos de depressão, solidão e fadiga da vida diária quando submetidas a processos de precarização da vida contemporânea. Além disso, para ZHAI (2020) a impossibilidade de realizar um funeral prejudica os recursos de apoio que auxiliam a superação das fases do luto.

“Divórcio” (Respondente. 123)

A dificuldade acima relatada foi compartilhada por muitos brasileiros durante o período de pandemia, de acordo com o IBGE (2020), o número de divorciados aumentou 260% em julho de 2020. Esta crescente reflete a dificuldade de permanecer em um matrimônio na pandemia, e possíveis conflitos devido às novas formas de convívio durante esse período.

Uma pesquisa realizada por SEDIRI et al. (2020) apontou que a violência contra as mulheres aumentou durante a pandemia de 4,4 para 14,8%. É possível inferir que as formas do casamento contemporâneo não passam, normalmente, pela convivência mais duradoura no dia a dia, e passar por um divórcio durante o cenário da pandemia relatado pelo respondente aponta que as vulnerabilidades foram somadas e ampliadas durante a pandemia.

Das violências sofridas, a psicológica representa o tipo mais frequente, praticamente todas as mulheres que foram abusadas (96%) sofreram violência psicológica (emocional), seguida por violência econômica (41%) e depois violência física (10%), a pesquisa (Sediri et al., 2020) ainda aponta que quase 90% das mulheres que sofreram violência durante a pandemia não procuraram ajuda. No Brasil, de acordo com a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) em março de 2020, houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços: “Disque 100” e “Ligue 180” (Sediri et al., 2020).

3.1.2 Socialização

Essa subcategoria representa de forma mais ampla as dificuldades que os entrevistados indicaram no que diz respeito

à falta de contato com pessoas próximas e a necessidade de adequação ao isolamento, a socialização aqui apontada não faz referência ao conceito sociológico (Durkheim, 2007) e sim aos processos de contato e diálogo com outros seres. Dentro desta subcategoria é possível evidenciar estas duas falas:

“Falta do toque, abraços, rotina fora de casa” (respondente 6)

“Isolamento social, não sair e encontrar os amigos” (respondente 65)

O relato acima representa uma das maiores dificuldades de muitos brasileiros no cenário da pandemia: a falta de afeto, uma vez que em decorrência das medidas de isolamento social, as relações sofreram um processo de virtualização, impossibilitando o contato físico com antes era praticado. Para Oliveira (2020) o sentimento de solidão proveniente do isolamento social tem potencial de desencadear alterações psicológicas, sentimentos de exaustão e dificuldade de concentração. Este foi um dos dilemas enfrentados não apenas por estudantes, mas por aqueles que por força de Lei ou de consciência social mantiveram o isolamento.

A solidão se associa a diversas repercussões físicas e mentais, incluindo o aumento da pressão arterial sistólica e maior risco de doenças cardíacas, a solidão em decorrência do isolamento social foi associada a um risco aumentado de morte em consequência de doença arterial coronariana, mesmo em adultos sem história prévia de infarto do miocárdio (IAM) Heffner et al. (2011) e Steptoe et al. (2013).

Além disso, a pesquisa de Yu et al. (2020), mostra que tanto a solidão quanto o isolamento social são fatores de risco independentes para maior mortalidade por um amplo número de causas, incluindo a depressão e ansiedade. Tal falta de socialização foi destacado em diversos casos pelos respondentes, se consolidando enquanto um fator de dificuldade social vivida.

3.1.3 Isolamento e Saúde física/mental

O isolamento social causa notáveis danos à saúde mental, a necessidade de se adequar a uma nova realidade que impossibilita o contato representa um desafio desgastante para muitos indivíduos. No estudo realizado por Barros et al. (2020) verificou-se que durante a pandemia, 40,4% dos indivíduos analisados se sentiram frequentemente tristes ou deprimidos, e 52,6% frequentemente ansiosos ou nervosos; 43,5% relataram início de problemas de sono, e 48,0% problema de sono preexistente agravado em decorrência da pandemia de Covid-19. Tristeza, nervosismo frequentes, além de alterações do sono estavam mais presentes entre adultos jovens, mulheres e pessoas com quadros depressivos posteriores.

Durante o período pandêmico a dificuldade em manter a saúde física também se tornou um desafio, visto que os ginásios esportivos deixaram de funcionar e o confinamento em casa proporcionou que muitos indivíduos desregrassem a alimentação. Como relata a respondente número 38 “Ficar sempre em casa, ficava ansiosa e inquieta” (Ent. 38).

O relato supramencionado reflete a situação de muitos dos entrevistados que desenvolveram sintomas de ansiedade devido ao confinamento. Esta condição, apesar de comum a todos, é mais facilmente observada em jovens visto que durante a juventude o indivíduo tem maior necessidade de relacionar-se e tal impossibilidade, associada a demandas escolares, universitárias ou empregatícias propiciam a manifestação de quadros de estresse e ansiedade (Hawryluck et al., 2004).

Hawryluck et al. (2004) realizaram um estudo acerca dos efeitos psicológicos da quarentena social e relataram que as pessoas analisadas tiveram uma alta prevalência de sofrimento psicológico: transtorno de estresse pós-traumático (28,9%) e depressão (31,2%). Tal constatação também é observada no estudo conduzido por Röhr et al (2020), que demonstrou que medidas de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19 têm consequências negativas graves para a saúde mental.

As razões mais prováveis para tais consequências para a saúde mental durante a quarentena são que as pessoas consideraram uma experiência desagradável, principalmente por terem que se afastar de companheiros, amigos e da família, além de perder a possibilidade de transitar livremente, ter dúvidas e medo sobre o contágio, trazendo questões subjetivas e até mesmo existenciais para os processos sociais e de educação.

Durante a pandemia da Covid-19, a manutenção das atividades rotineiras foi drasticamente comprometida visto que certas práticas se tornam mais dificultadas em razão do fechamento dos serviços não essenciais além da impossibilidade de transitar, o que forçou a adequação da rotina para a realidade virtual, a exemplo das atividades físicas. De acordo com Malta et al. (2020), a reformulação da rotina e a adaptação ao home office abriu espaço para o aumento do consumo de álcool, fumo e aumento de peso. Zachary et al. (2020) afirmam que os ganhos de peso durante a quarentena, ocorreram principalmente devido a alimentação em resposta ao estresse e redução da atividade física. Salientamos que a todas essas condições sociais foram impostos os discentes aqui analisados e tais fenômenos, apesar de gerais, impactam sobre os processos de ensino e aprendizagem.

3.2 Sofrimento psicológico

A categoria de sofrimento psicológico enquadrada dentro do questionamento sobre quais foram as maiores dificuldades que o indivíduo passou durante a pandemia relata um expressivo aumento no que tange aos distúrbios relacionados à psique. Nesse contexto, a subcategoria isolamento, é uma das principais causas da intensificação de efeitos deletérios psíquicos no período pandêmico. Este fato pode ser evidenciado considerando a fala de um dos entrevistados:

“Não ter minha rotina normal e o distanciamento das pessoas, me causou um sentimento de solidão” (respondente 55)

Por conseguinte, diante da abrupta mudança social imposta pelo isolamento, a ansiedade foi um fator decisivo na descrição dos questionamentos no que tange às dificuldades durante a pandemia. Nesse contexto, tanto no ambiente hospitalar como cotidiano, o medo constante de contrair o vírus ou contaminar entes queridos permeia a população estabelecendo constante estado de alerta e ansiedade (Ornell et al., 2020). Assim, este fato pode causar níveis elevados de estresse em indivíduos saudáveis e intensificar patologias pré-existentes, como relata este entrevistado, sobre uma das suas maiores dificuldades no contexto da pandemia:

“Controlar a ansiedade e ter constante medo de perder alguém que eu amo muito.” (respondente 138)

Em vista da subcategoria apresentada, a prática do isolamento social como manobra para contenção do vírus causador da COVID-19, pode reverberar em potenciais estressores que influenciam o aparecimento de casos de ansiedade e outros distúrbios. Assim, problemas econômicos, perda de entes queridos e os constantes bombardeios de notícias negativas, repercutem neste processo de intensificação de sentimentos sófregos (Souza, 2020; Durkheim, 2007). Este fato, pode também influenciar no padrão de organização familiar, visto que, a dinâmica de convivência foi modificada pela pandemia, e a rede de apoio externa à residência foi reduzida a interações digitais (Silva, 2020).

Nesse sentido, outro efeito potencialmente maléfico do distanciamento social é a obrigatoriedade do afastamento físico de familiares e entes queridos. Este fato, pode gerar tanto sentimento de solidão quanto impotência e culpa, levando a intensificação ou surgimento de quadros patológicos, visto que, em casos de instabilidade emocional ou perdas decorrentes da COVID-19, o contato afetivo é fundamental para a estabilidade do indivíduo (Pereira et al., 2020). Assim, relatos de entrevistados como este, são frequentes:

“Manter a calma em alguns momentos mesmo sabendo que não teria ninguém para me ajudar nesses momentos.”
(respondente 115)

Por um outro viés, restringindo a análise à convivência de residentes de uma mesma esfera habitacional, os estressores que influenciam na saúde mental do indivíduo podem repercutir no âmbito familiar. Dessarte, a convivência permeada pelo isolamento social e as consequências da pandemia podem tornar os laços familiares vulneráveis, intensificando crises já existentes, e colaborando para o surgimento de outras, exigindo um processo de organização da estrutura de parentesco (Silva, 2020).

Dentro das relações familiares, a conjugalidade tem um fator crucial na dinâmica familiar dentro dos moldes impostos pela pandemia de COVID-19. Nesse contexto, as nuances da saúde mental de cada indivíduo podem interferir negativamente no relacionamento visto a possibilidade do surgimento de dificuldades na comunicação, na coesão e no compromisso com a relação, aumentando o risco de desentendimentos, violência doméstica e abuso de drogas. (Stanley e Markman, 2020). Este fato, compactua para um índice elevado de casos de violência doméstica, evidenciando um aumento de mais de 30% de denúncias na França e México durante a pandemia. (Medina, 2020)

Além da relação supracitada, o isolamento social também influencia na relação estabelecida entre os pais e os filhos, visto que os índices de depressão e ansiedade crescem também em crianças e adolescentes durante a pandemia (Maia, 2020).

Este fato pode provocar dificuldade de concentração bem como maior dependência dos responsáveis, além de irritabilidade e desordem nos padrões alimentares e do sono, em decorrência modificação da rotina de estudo e seus entraves, prejudicando a relação de todos no âmbito familiar (Silva, 2020). Assim, afirmam os entrevistados:

“manter o foco e concentração, me adaptar ao meio pandêmico, além disso desenvolvi uma maior dificuldade de me relacionar com as pessoas.” (respondente 128).

Como consequência da conjuntura social e epidemiológica a subcategoria autocontrole evidencia que, em decorrência da constante instabilidade emocional provocada tanto pela constância do vírus, como pela imposição do distanciamento social nesse período, os entrevistados encontraram dificuldade em realizar atividades rotineiras em casa, além dos profissionais de saúde que convivem com constante exaustão e ansiedade. Nesse contexto, distúrbios emocionais, depressão, estresse, mau humor, irritabilidade, insônia, podem influenciar negativamente a rotina e funções que precisam ser realizadas mesmo em quarentena, dificultando o processo de adaptação e gerando mais um fator potencial para o desenvolvimento de ansiedade e outros transtornos psicológicos (Brooks et al., 2020).

3.3 Economia Privada

Anteriormente ao período pandêmico o Brasil já se encontrava imerso em um cenário de crises sociais e econômicas intrínsecas, as quais apenas se intensificaram durante tal conjuntura. A presente categoria versa sobre este problema.

Este fato, é refletido na diferença do índice de mortalidade de COVID-19 de pessoas pardas e pretas que foi 54,8% comparado ao de pessoas brancas de 37,9%, além disso, outro fator marcante é que 71% de morte é de pessoas sem escolaridade e 22,5% com nível superior, assim como o aumento da fome e das diversas formas de violência também atingem as pessoas em uma posição inferior na pirâmide social ou povos/territórios negligenciados pelo Estado (Ferrante e Fearnside, 2020).

Este contexto, nos evidencia que a COVID-19 não é, ao contrário do que apontavam alguns intelectuais, uma doença democrática. Apesar de ter chegado ao país através de viagens internacionais comuns às classes média e alta, assola

predominantemente a classe menos abastada da população, constituindo-se, dessa maneira, como a intensificação de um flagelo histórico do Brasil (Calmon, 2020).

Além disso, a pandemia causou grande impacto na economia global, porém prejudicando majoritariamente a população mais pobre. Portanto, configurando-se como um fator crucial para o desenvolvimento de distúrbios psicológicos, a economia doméstica tem sofrido vasta instabilidade em decorrência do isolamento social necessário para o controle do vírus circulante.

Assim, uma grande parcela da população tem padecido com as consequências dessa conjuntura que resulta em inflação, desemprego, e somado a isto, o fato de não haver políticas efetivas de proteção financeira ao cidadão brasileiro, o que tende a culminar em conflitos familiares e instabilidade emocional (Bezerra et al., 2020).

“Sustentar a família e pagar os alimentos que a faculdade impôs e sem retorno adequado de ensino, deixando frustrado” (respondente 11)

Dessa forma, uma parcela considerável da população reside em áreas que inviabilizam uma quarentena adequada ou influenciam em um maior dano psicológico decorrente desse processo, como casas sem espaço aberto (varandas ou terraços) e ambientes pequenos e sem estrutura para um grande contingente de residentes e crianças (Bezerra et al., 2020). Este fato é uma constante fala dos entrevistados, como cita este:

” Manter ocupadas 2 crianças trancadas dentro de um apto. (respondente 35)”

Analisando o cenário geral e os expostos pelos respondentes, o contexto socioeconômico brasileiro permanece e demonstra durante esse período, de forma escancarada, a miséria na qual vive um grande volume de brasileiros, os quais não possuem condições de permanecer em isolamento, seja por suas condições de moradia ou financeiras (Calmon, 2020). Assim, essa carga social somada ao desamparo governamental para com essa população, contribui para os índices alarmantes de mortes e outros efeitos sociais que foram intensificados com a pandemia (Ferrante e Fearnside, 2020).

3.4 Estudo/tempo

A categoria “estudo e tempo” condiz com algumas das respostas do questionamento sobre quais foram as maiores dificuldades que o entrevistado possui durante a pandemia, no qual refere-se à dificuldade do estudante conciliar o estudo e o tempo que ele tem disponível para administrar, um impasse entre os estudos e os afazeres do dia a dia.

Nesse contexto, pode-se destacar que a mudança do local de estudos por parte dos estudantes trouxe desafios, dentre eles trocar a sala de aula presencial e o ambiente escolar pela sua residência, onde é um local que não tem a infraestrutura adequada para se tornar um ambiente calmo e próprio para estudar. Estes elementos serão analisados separadamente nas subcategorias abaixo:

3.4.1 Ambiente externo e interno

Dessa forma, a troca do ambiente externo e interno dificultou ainda mais a adaptação do indivíduo, o qual é distraído por barulhos, a obrigação de afazeres de casa, o maior acesso às redes sociais e falta de concentração, pois é desafiador trocar um ambiente calmo, luz e silêncio adequados por um local onde não há como controlar os acontecimentos corriqueiros.

“Adaptar os estudos ao ambiente domiciliar, repleto de distrações e barulhos que um ambiente como a biblioteca não possui.” (Ent. 101)

O espaço de aprendizado é fundamental para o desenvolvimento efetivo do discente em qualquer uma das idades. Vilela (2014) destaca a pedagogia montessoriana que por sua vez aposta na construção de um espaço adequado ao saber. Tal questão está reproduzida tanto nas escolas do ensino básico quanto nas instituições de ensino superior: é preciso constituir elementos e ocupar espaços para o aprendizado.

3.4.2 Organização e concentração

Além disso, outro desafio encontrado pelo estudante é a falta de concentração, organização e a procrastinação; e junto a isso as cobranças, ansiedade e a necessidade de sempre estar em dia com os conteúdos. O ambiente externo dificulta, pois não tem as condições ideais, como: silêncio, falta de um local adequado e, também, os acontecimentos atípicos, como algum familiar requer sempre a sua atenção e o fácil acesso às redes sociais que atrapalha na atenção e concentração (Patu et al., 2019).

Em outro viés, a cobrança da organização e a procrastinação resultam na ansiedade do indivíduo, pois a incessante necessidade de organizar, estudar e aprender acabam afetando o psicológico e o deixa com a sensação de incapacidade e impotência. O hábito de deixar algo para amanhã é uma maneira que a pessoa encontra de “enganar” seu cérebro, e dessa forma, os objetivos do dia ficam para um prazo maior (Patu et al., 2019). Como colocam os respondentes:

“Organização e disciplina. A ansiedade em fazer todas as coisas rápido, querer estudar tudo atrapalha muito...”
(respondente 94)

“Não procrastinar nessa nova rotina.” (respondente 90)

Conclui-se que a procrastinação é um ato vicioso, o qual a pessoa adia os prazos dos afazeres e quando o cérebro para de reparar o humor, o indivíduo encontra-se em um estado de frustração, o que gera a ansiedade e estresse, tal fato faz com que a sua mente procure algo que traga sensação de ânimo, buscando fazer outras atividades que tragam essa sensação, como por exemplo mexer no celular (Patu, et al. 2019) e este fenômeno é amplamente prejudicial ao processo de ensino e aprendizagem.

3.4.3 Instituição de ensino

O ensino remoto, adotado em meio a pandemia do coronavírus, trouxe desafios para a instituição também, pois cursos que nunca foram administrados remotamente tiveram que se adequar a este modelo. Com isso houve muita demanda por parte dos alunos, como a programação das aulas, calendário acadêmico, planos de estudo, aulas práticas e uma necessidade maior de comunicação com a instituição. Pelas respostas aqui analisadas, os discentes perceberam e apontaram um distanciamento da instituição para com o corpo de estudantes, como aponta a fala do respondente “Ver a falta da empatia da faculdade com os estudantes!” (respondente. 130).

Contudo, houve muitas respostas sobre a dificuldade de se acostumar com as aulas remotas, tanto no que tange à adaptação, quanto às dificuldades na concentração e a falta de motivação. Como dito anteriormente, a mudança de uma metodologia presencial para uma metodologia remota de forma abrupta surpreendeu a todos, pois em um dia estar em uma sala de aula e no outro assistindo a aula pelo celular ou computador não é algo de fácil adaptação, assim como não foi também “de fácil adaptação” para os docentes.

Além disso, muitas pessoas são mais auditivas e preferem a aula presencial pela concentração e o contato direto com

os colegas e professores, com maior concentração e sem distrações aleatórias. De acordo com uma pesquisa do grupo Prevaler (2020), 40% dos universitários de Minas Gerais responderam que estudam de 2h a 8h semanais, ou seja, o rendimento deles foi prejudicado, visto que a carga semanal é de mais ou menos 15 horas.

Diante disso, conclui-se que estudar de forma remota para a maioria é algo prejudicial, pois o rendimento e os fatores emocionais e psicológicos são afetados.

Outro problema que é comum pela maioria é a falta de motivação e de ter uma rotina produtiva e organizada. Um estudo realizado pelo DataFolha em parceria com a Fundação Lemann, Itaú Social e a Imaginable Futures (2020), com alunos de escolas públicas de São Paulo, mostrou que 54% dos alunos se sentem desmotivados e possuem medo de largar os estudos. Assim, mostrando que a evasão e o abandono do ambiente acadêmico e escolar os desmotivou a ter um mesmo ritmo de estudo, de organização e rendimento, ou seja, o fato de não conseguir estudar de forma organizada, assistir as aulas com a atenção necessária e uma rotina monótona os alunos ficam desmotivados e tendenciosos a terem problemas emocionais.

4. Considerações Finais

O presente estudo permite observar que a pandemia trouxe alterações e problemáticas para as relações de ensino e aprendizado dos estudantes aqui analisados em sua intrínseca relação com os processos sociais, familiares e psicológicos dos mesmos. Compreendemos que o presente artigo trás uma percepção do discente e objetivamos a reflexão conjunta da percepção de docentes e gestores educacionais durante o processo de pandemia para termos uma visão ampla e os resultados aqui apresentados contribuem para uma percepção geral. As categorias mais presentes nas 160 respostas aqui elencadas foram nas categorias estudo e tempo, que fala justamente sobre as relações de aprendizado, relação com os docentes, com a Instituição, com o novo modelo de ensino (remoto) e organização do tempo. Podemos deduzir que este dado presente na amostra aqui analisada tendeu a se repetir nos estudantes de ensino superior e em outros níveis de formação no Brasil e a categoria sofrimento psicológico, demonstrando que os discentes atribuíram grande peso as sensações de ansiedade, medo e outros elementos decorrentes da vivência de uma pandemia.

É importante destacar estudos deste tipo para tecer estratégias para diagnóstico e melhoria da qualidade de vida do estudante durante a graduação e atualizações de modelos de ensino remoto e híbridos com vistas a garantir o Direito à educação não apenas para os grupos estudados, mas para os estudantes em geral.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barros, M. B. É. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29 (4), 1-12.
- Bartoszek, A., et al. (2020). Mental well-being (depression, loneliness, insomnia, daily life fatigue) during COVID-19 related home-confinement—A study from Poland. *International journal of environmental research and public health*, 17 (20), 1-12.
- Bezerra, A. C. V., et al. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25 (suppl 1), 2411-2421.
- Brasil. (2020). Regulamenta a substituição de aula presencial por aulas que utilizem meio e tecnologias de informação e comunicação por instituição de ensino superior ficando autorizado para o Curso de Medicina. <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco--de-2020-248881422>.
- Brooks, S. K., et al. (2020). O impacto psicológico da quarentena e como reduzi-lo: revisão rápida das evidências. *A lanceta*. 395 (10227), 912-920.
- Bu, F., Steptoe, A. & Fancourt, D. Who is lonely in lockdown? Cross-cohort analyses of predictors of loneliness before and during the COVID-19 pandemic. *Public Health*, 186, 31-34.
- Calmon, T. V. L. (2020). As condições objetivas para o enfrentamento ao COVID-19: abismo social brasileiro, o racismo, e as perspectivas de desenvolvimento social como determinantes. *NAU Social*. 11 (20), 131-136.

- Brasil. (2020). Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena. Website. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>.
- Costa, A. E. R.; Nascimento, A. W. R. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. *VII Congresso Nacional de Educação*.
- De Antoni, C. (2005). Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico. *Tese de doutorado*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- De Souza, L. C., et al. (2020). O impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*. 9 (7), 1-14
- Dessen, M. A., Ramos, P. C. C. (2010). Crianças pré-escolares e suas concepções de família. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 20, 345-357.
- Durkheim, E. (2007). As regras do método sociológico. 1858- 1917. Editora *Martins Fontes*.
- Ferrante, L. & Feranside, P. M. (2020). Proteja os povos indígenas da COVID-19. *Science*. 368 (6488), 251-251.
- Hawryluck, L., et al. (2004). SARS control and psychological effects of quarantine, Toronto, Canada. *Emerging infectious diseases*. 10 (7),1206.
- Heffner, K. L., et al. (2011). Social isolation, C-reactive protein, and coronary heart disease mortality among community-dwelling adults. *Social science & medicine*. 72 (9), 1482-1488.
- Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 30 (02), 1-10.
- Maia, B. R. & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 37 (e200067). 1-8.
- Malta, D. C., et al. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 29 (4), 1-13.
- Medina, D. C. M., et al. (2020). Violencia intrafamiliar en el marco de la emergencia sanitaria por el COVID-19. *CienciAmérica: Revista de divulgación científica de la Universidad Tecnológica Indoamérica*. 9 (2), 261-267.
- Oliveira, L. C. (2020). Saúde mental nos tempos de pandemia: Uma releitura dos afetos e da Pulsão de morte em Freud. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*. v9 (1), 18-34.
- Ornell, F., et al. (2020). Medo pandêmico e COVID-19: carga e estratégias de saúde mental. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 42 (3), 232-235.
- Pereira, M. D., et al. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*. 9 (7), 1-31.
- Portal dos Administradores. Por que a procrastinação nos causa ansiedade? <<https://administradores.com.br/noticias/por-que-a-procrastinacao-nos-causa-ansiedade>>
- Prevaler, et. at. Após experiência com ensino remoto, 81% dos universitários de MG querem voltar às aulas presenciais. <https://www.pravaler.com.br/apos-experiencia-com-ensino-remoto-81-dos-universitarios-de-mg-querem-voltar-as-aulas-presenciais/>.
- Redler, I. (2021). Como a organização do seu ambiente de estudos interfere na aprovação. Website. <https://masterjuris.com.br/ambiente-de-estudos-ajuda-na-organizacao/>.
- Ribeiro, C. Alunos estão desmotivados na pandemia. Website. <https://noticiasconcursos.com.br/54-dos-alunos-estao-desmotivados-em-estudar-na-pandemia-diz-pesquisa/>.
- Rohr, S., et al. (2020). Psychosocial impact of quarantine measures during serious coronavirus outbreaks: a rapid review. *Psychiatrische Praxis*. 47 (4), 179-189.
- Rondônia (Estado). Decreto nº 24.871, de 16 de março de 2020. Decreta situação de emergência no âmbito da Saúde Pública do Estado e dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e enfrentamento da propagação do COVID-19. Diário Oficial do Estado de Rondônia nº 49. <https://data.portal.sistemas.ro.gov.br/2020/03/decreton%20-%20C3%BAmero-24.871-covid-19.pdf>.
- Sediri, S., et al. (2020). Women's mental health: acute impact of COVID-19 pandemic on domestic violence. *Archives of women's mental health*. 23 (6), 749-756.
- Silva, I. M., et al. (2020). *As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família*. Pensando famílias, Porto Alegre. 24 (1), 12-28.
- Stanley, S. M. & Markman, H. J. (2020). Ajudando casais na sombra do COVID - 19. *Processo de família*. 59 (3), 937-955.
- Stanleys, S. M. & Markman, H.J. (2020). Helping Couples in the Shadow of COVID-19. *Fam. Proc*. 59 (3), 937-955.
- Stephoe, A., et al. (2013). Social isolation, loneliness, and all-cause mortality in older men and women. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 110 (15), 5797-5801.
- Vilela, S. H. & Montessori, M. (2014). O caminho dos sentidos. *Revista Teias*. 15 (38), 32-46.
- Yu, B., et al. (2020). Social isolation, loneliness, and all-cause mortality in patients with cardiovascular disease: a 10-year follow-up study. *Psychosomatic medicine*. 82 (2), 208-214.
- Zachary, Z., et al. (2020). Self-quarantine and weight gain related risk factors during the COVID-19 pandemic. *Obesity research & clinical practice*. 14 (3), 210-216.
- Zhai, Y. & Du, X. (2020). Loss and grief amidst COVID-19: A path to adaptation and resilience. *Brain, behavior, and immunity*. 87, 80-81.